

DMART & INDIO SAN MUITO ALÉM DA CIDADE INVISÍVEL

Vinicius Rodrigues

Sempre comento uma tese do grande José Mojica Marins, o Zé do Caixão, que ele proferia reiteradamente: de que o folclore brasileiro possui um material tão farto e tão rico que seria, por si só, suficiente para criarmos uma tradição de cinema de horror consistente. Eu acrescento, ainda, que esse universo folclórico também sustentaria muitos outros tipos de abordagens narrativas, igualmente voltadas ao fantástico. Acontece que tenho minhas dúvidas sobre o aproveitamento disso em nossa ficção, que nunca me pareceu realmente significativo, valorizado ou colocado realmente em primeiro plano. Especialmente no campo audiovisual, só agora começamos a ver sinais mais vigorosos – e com uma resposta de público interessante.

O cinema de terror nacional, por exemplo, passa por um momento muito produtivo, saindo, aos poucos, da sombra do *underground*; um dos best-sellers literários brasileiros mais falados dos últimos tempos, *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, tem no apelo místico e fantástico um de seus recortes mais arrebatadores, ao meu ver; e um dos mais recentes fenômenos da Netflix concentra sua narrativa justamente na memória do folclore nacional – a sé-

quadrinhos em revista

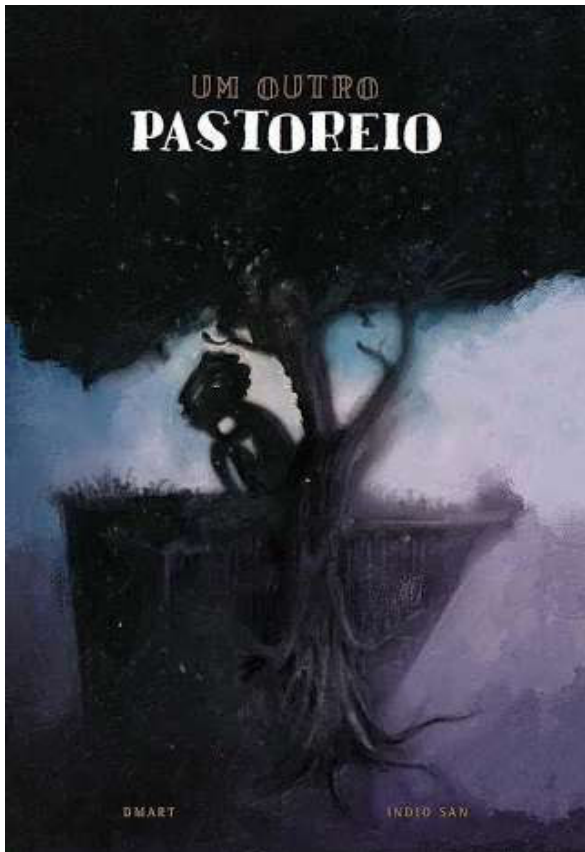
rie *Cidade Invisível*, criada por Carlos Saldanha. A despeito de alguns deslizos e problemas, o seriado apresenta, justamente, essa qualidade: mirar nas potencialidades dos personagens de nosso universo mágico e lendário para contar uma história que não é propriamente voltada a crianças, com uma roupagem pop, ressignificando a conexão dessas figuras com os mais variados temas a partir de um olhar contemporâneo. Essa sempre me pareceu, igualmente, a melhor escolha de outra obra: *Um Outro Pastoreio*, graphic novel de Rodrigo DMart e Indio San que reinterpreta, a sua maneira, um personagem que também espero ver em novas temporadas de *Cidade Invisível*, o Negrinho do Pastoreio.

A história original do Negrinho do Pastoreio é famosa: trata de um jovem

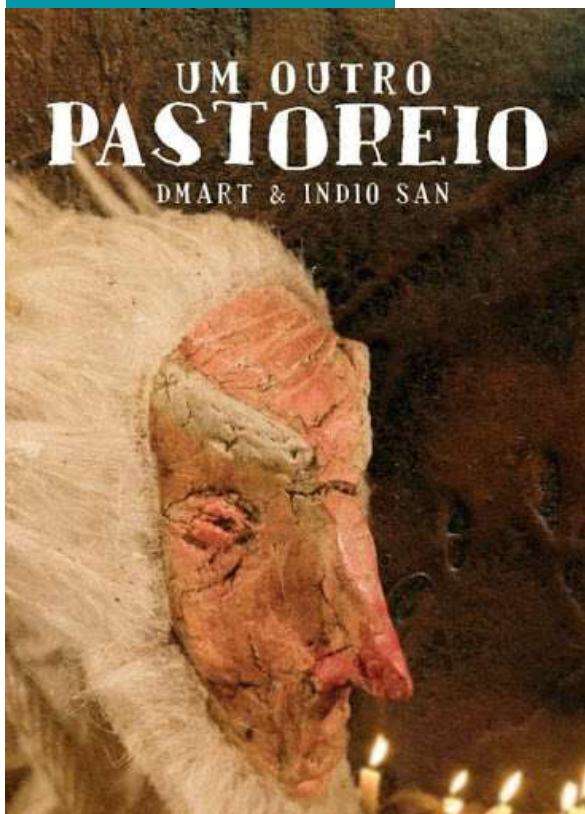


Um Outro Pastoreio,
graphic novel de
Rodrigo DMart e
Indio San,
reinterpreta, a
sua maneira, um
personagem que
também espero ver
em novas temporadas
de *Cidade Invisível*, o
Negrinho do Pastoreio.





As capas das duas edições de *Um Outro Pastoreio*, de Rodrigo DMart e Indio San.



escravo que passou a ser submetido às mais duras provas por um estancieiro, em função de ter perdido uma carreira que custara um bom dinheiro ao patrão. Certa noite, o Negrinho é obrigado a procurar uma tropilha que fora roubada e, com a ajuda de um toco de vela retirado do altar de Nossa Senhora, que ilumina seus caminhos, localiza os cavalos e o gado; mas por causa da malvada intervenção do filho do estancieiro, o menino perde a tropilha novamente e, assim, é submetido a um castigo terrível. A surra o leva à morte, e seu corpo é deixado junto a um formigueiro para que os insetos o devorem e o patrão sequer se preocupe em enterrá-lo. Com a intervenção da Virgem Nossa Senhora, o Negrinho reaparece magicamente, enchendo o estancieiro de culpa e pavor; monta em seu cavalo baio e passa a pastorear pelas noites dos campos gaúchos, tornando-se uma espécie de “santo” para o qual se reza no caso de querer encontrar coisas perdidas.

O escritor Roque Callage já dizia que “o espírito verdadeiramente rio-grandense ideou apenas uma única lenda de pura feição local”, que seria, naturalmente, a lenda do Negrinho do Pastoreio. Esse Negrinho, peça fundamental do folclore brasileiro, revestida de marcas religiosas profundas, tornando-se crença para muitos, acabou sendo fixado pelo grande Simões Lopes Neto em sua obra *Lendas do Sul*, de 1913. Há, contudo, um outro Negrinho, criado nos quadrinhos por Rodrigo DMart e Indio San em *Um Outro Pastoreio*, obra muito especial lançada originalmente em 2010 e que está com nova edição na praça desde o ano passado (uma edição comemorativa, em alusão aos seus 10 anos, que pode ser adquirida no site da produtora Imagina Conteúdo Criativo). A obra reconta os caminhos dessa lenda, ressignificando sua história em múltiplos sentidos.

Não são raras as vezes em que me pego pensando em *Um Outro Pastoreio*. Desde que a li pela primeira vez, indico para todo mundo com a finalidade de apontar as tantas possibilidades que existem de contar uma história em quadrinhos, ao ponto de até relativizar: é quadrinho... Mas também não é. Em meio a tudo o que ela pode ser e em relação a todas as definições que poderia ter, ela também é, afinal, uma baita HQ. Contudo, para mim, *Um Outro Pastoreio* é exemplo de muitas outras coisas: ousadia, inovação estética, reinvenção de cânones narrativos, representatividade, rupturas formais no campo dos quadrinhos, experimentalismo, hibridização. Arrisco dizer que talvez seja uma das HQs mais interessantes lançadas no Brasil no século XXI – intuição que carrego desde a sua publicação original, que acompanhei, e que foi reforçada em função de sua inclusão no recente *Catálogo HQ Brasil*, projeto da Bienal de Quadrinhos de Curitiba com a Embaixada do Brasil em Portugal, editado por Érico Assis, e que tem como missão divulgar no exterior a produção brasileira de HQs dos últimos anos.

Costumo dizer que a história de Rodrigo DMart e Indio San é sincrética. Não “misturada” – sincrética mesmo! Há diversas camadas de recontagem na narrativa, assim como múltiplas formas de escrita e gêneros se articulando e, ainda, diferentes recursos que compõem a narrativa visual. A ideia do sincretismo, contudo, também vem de sua associação mais usual, pois, para recontar a história do Negrinho do Pastoreio, DMart e San aproximam-na da mitologia afro-brasileira, destituindo o aspecto católico que havia na narrativa original tal como contada por Simões Lopes Neto (em que o Negrinho torna-se protegido de Nossa Senhora), mas mantendo, ainda, o referencial religioso.



Desde que li
Um Outro Pastoreio
pela primeira vez,
indico para todo mundo
com a finalidade de
apontar as tantas
possibilidades que
existem de contar
uma história em
quadrinhos, ao ponto
de até relativizar:
é quadrinho...
Mas também não é.



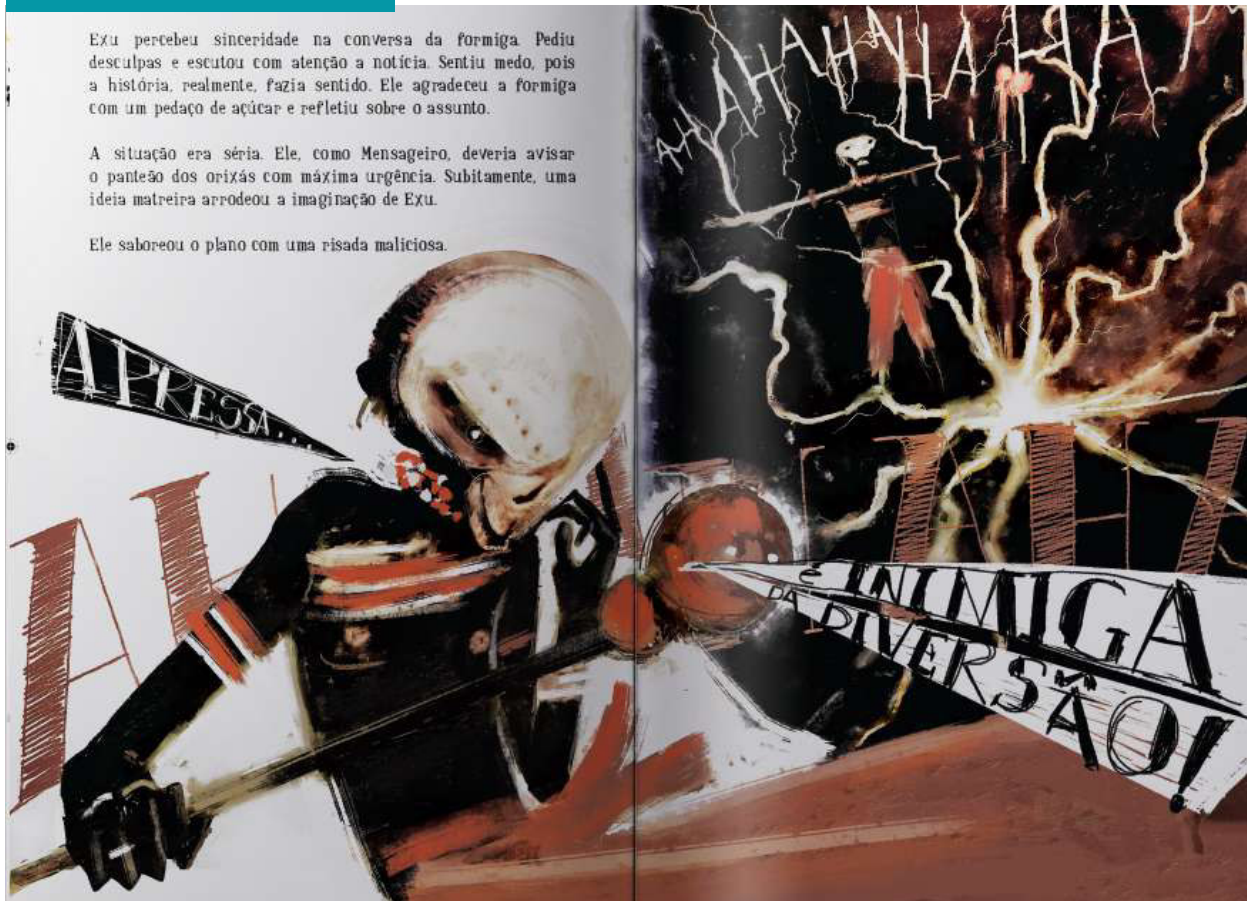
Em *Um Outro Pastoreio*, o personagem Negrinho surge nas palavras de Simão, o narrador, escapando da destruição promovida por uma criatura em forma de um maquinário monstruoso, a Cidadela, dentro da qual estaria a Horda. O Negrinho quer a fuga, mas é interpelado por uma entidade que o ordena a ficar. Sugere-se que a entidade seja Iansã, orixá dos ventos, raios e tempestades. A história recua no tempo e ficamos sabendo que, em um momento de dificuldade, fome e agonia, o Negrinho havia sido acudido por uma curandeira. Seus destinos entrelaçam-se, para que, logo depois, o Negrinho testemunhe a destruição e o incêndio da casa da solidária figura que o ajudara. Aldeões acusavam a mulher de ser uma bruxa, depois de ela não ter conseguido salvar uma jovem grávida da morte, e portanto resolvem castigá-la.

O corpo da curandeira, de forma mágica, some; antes, porém, o Negrinho, a mando dela, vai embora, indo ao encontro de uma tropa de cavalos, entre os quais encontra um em especial – um cavalo baio. O menino foge, triste após reconhecer a morte certa da mulher e desolado pela descrença no ser humano. A curandeira, visualmente, é bastante próxima à figura de Iansã, e o Negrinho, por sua vez, será interpelado por ambas nesse início de livro. Nesse ponto, encontramos uma primeira ressignificação de um elemento religioso da lenda original: segundo o conto de Simões nos relata, o Negrinho sentia-se acolhido pela Virgem Nossa Senhora em função do fato de ser órfão; o paralelo com a

Curandeira/Iansã parece claro, servindo ao mesmo propósito da lenda original.

Além da doma dos cavalos, do sofrimento e desamparo infligidos ao protagonista e da figura mística protetora, também há outros paralelos e ressignificações da lenda gaúcha: as formigas e o formigueiro que ajudam a selar o destino trágico do Negrinho e que aparecem na história recontada por Simões, surgem de outras maneiras em *Um Outro Pastoreio* – associadas, inclusive, à imagem de Iansã; o cruel estancieiro e seu filho “maleva”, responsáveis pelas maldades perpetradas contra o protagonista que resultam em sua morte, também aparecem com nova roupagem na graphic novel; a própria figura do narrador da HQ, Simão, é uma homenagem a Simões Lopes Neto, e sua presença reforça o tom de contação de histórias impresso na obra – tal como o autor

Páginas de Um Outro Pastoreio que revelam a mistura entre prosa literária e recursos dos quadrinhos.



pelotense do início do século XX fizera em seus escritos com o seu personagem Blau Nunes; e, além de tudo isso, o conteúdo alegórico, igualmente presente no conto do autor de *Lendas do Sul*, é reforçado na obra de DMart e San.

A história do Negrinho do Pastoreio, afinal, não é somente uma história de um ser mítico ao qual se recorre para se achar coisas perdidas – principal traço que motiva a crença popular em torno de sua figura; tampouco é apenas uma explicação folclórica para o inexplicável ato de encontrar objetos perdidos há muito tempo. A lenda registrada por Simões traz algo mais do que isso. Já afirmou Augusto Meyer que “A *Salamanca do Jarau* e o *Negrinho do Pastoreio* nos revelam, sob a aparência de lendas ou narrativas de assombração e mistério, uma lição muito clara de renúncia e piedade”; é uma narrativa que carrega forte carga moralizante, portanto. Simão, o narrador de *Um Outro Pastoreio*, também manifesta tal característica e traz consigo grandes preocupações com o mundo contemporâneo, como em relação à ecologia e à guerra; diz ele: “A estupidez do homem não tem limites. Somos o único bicho que mata e maltrata por prazer, ganância e intolerância”.

Essa preocupação fortemente pedagógica combina não só com o caráter de fábula que temos em ambos os casos, mas também com o tom religioso, principalmente da narrativa original de Simões, onde temos um Negrinho divinizado na sua trajetória cristã – de sacrifício e redenção. Todavia, é justamente quanto ao aspecto religioso que Rodrigo DMart e Índio San acabam operando com maior liberdade criativa, distanciando-se da lenda tal como ela é universalmente conhecida e revestindo sua versão com uma proposta original.

O próprio Augusto Meyer, grande ensaísta gaúcho, chegou a dizer que, quan-



A história do Negrinho do Pastoreio, afinal, não é somente uma história de um ser mítico ao qual se recorre para se achar coisas perdidas.



do Simões Lopes Neto estilizou a lenda do Negrinho do Pastoreio “com aquele grande sopro de poesia que é só dele, não foi infiel em detalhe senão para acentuar ainda mais o seu cunho crioulo e seu profundo sentido religioso”. Se é a religiosidade, portanto, o grande diferencial de tal história, é isso que motiva, também, um dos mais belos insights de *Um Outro Pastoreio*: e se a imagem do Negrinho, ao se conectar com um fundo cristão, fora “embranquecida”? E se, por outro lado, ela estivesse colada às raízes africanas que também estão muito presentes em território gaúcho – como essa história poderia ser (re)contada?

São pelo menos três segmentos envolvidos no livro que, em dado momento, se conectarão: a contação de história do velho Simão para um menino, a lenda do Negrinho em si (recontada de modo bem diferente da versão de Simões, mas com algumas referências explícitas) e uma trama paralela que se desenrola no plano dos orixás, protagonizada por três deidades em especial: Exu, Ogum e, como já vimos, Iansã. Ao sermos introduzidos nesse último plano, “na encruzilhada dos tempos e dos mundos”, primeiramente somos apresentados a Exu,



São pelo menos três segmentos envolvidos no livro que, em dado momento, se conectarão: a contação de história do velho Simão para um menino, a lenda do Negrinho em si e uma trama paralela que se desenrola no plano dos orixás, protagonizada por Exu, Ogum e Iansã.



o Mensageiro; uma pequena formiga avisa-o sobre a iminência de uma grande guerra onde até mesmo as deidades estariam em risco, o que acaba deixando os orixás em polvorosa. Ogum, o Senhor do Fogo e da Tecnologia, é o primeiro a agir e leva seus conhecimentos ao mundo dos homens a fim de montar o seu próprio exército; no entanto, a ambição faz com que os humanos virem as costas para a divindade, munindo-se do conhecimento que lhes fora transmitido. Corre em socorro de Ogum a figura de Iansã, transformada em um búfalo; quando a mesma chega ao plano terrestre, enfrenta um exército de homens e é forçada a recuar e esperar, hibernando sob a terra, entranhada num formigueiro, deixando apenas seus chifres à mostra.

O roteirista Rodrigo DMart recorre, assim, a várias fontes para apresentar as personagens desse mundo místico.

Dessa maneira, a proposta não contempla uma visão unilateral da religiosidade afro, mas também uma fusão entre diferentes matrizes orais. Ou seja, não estamos falando especificamente de uma fonte religiosa advinda (somente) do candomblé, mas também de outras variantes brasileiras das religiões africanas, nas quais sabemos que tais orixás sofrem modificações e o sincretismo com o catolicismo passa a ser uma marca forte. Há, por exemplo, o mito de Iansã, que escondia sua pele de búfalo na floresta para dar vazão à sua face antropomorfizada; em algumas versões desse relato, Iansã acabava enterrando a pele no solo, num formigueiro; com isso, quem encontrasse suas vestes e estivesse passando por alguma necessidade, poderia chamá-la batendo seus chifres.

Iansã é também a senhora dos eguns, os espíritos dos mortos – o que em dado momento da narrativa de *Um Outro Pastoreio* fará todo o sentido, uma vez que, assim como na recontagem de Simões, o Negrinho retorna depois de ser dado como morto. Iansã é a figura representativa das matas e das águas para a umbanda, e dos raios, tempestades, ventos – e também das águas – para o chamado batuque. Por sua vez, Exu é a deidade trapaceira, inconsequente, um “malandro” que ainda manifesta seu recalque por ter sido, durante muito tempo, visto como um ser repugnante e inferior pelos outros orixás; sua função de mediador entre o plano terrestre e o plano divino, conquistada com tempo e muito ardid, entretanto, passa a ser fundamental, e ele sabe como gozar de tal privilégio.

A outra figura essencial entre as deidades de *Um Outro Pastoreio*, Ogum, é o representante da guerra, da belicosidade; sua presença é, portanto, demonstração de força, bravura e, logo, certa desmedida e muito orgulho e insubordinação. Iansã é mais sensível, preocu-

pada, amorosa, uma relação natural pela sua fusão com os elementos da natureza e sua trágica história de amor pregressa com o próprio Ogum – relacionamento esse que, indiretamente, é referido ao longo da narrativa. Iansã é sincretizada, no Brasil, à imagem de Santa Bárbara, enquanto Ogum tem sua imagem colada ora a Santo Antônio, ora a São Jorge. Tal como a religiosidade afro-brasileira – que é múltipla, variável e sincrética –, a própria proposta artística de *Um Outro Pastoreio* aponta para várias direções, unindo-as num mesmo arco narrativo. Há processos híbridos de composição, que se somam, portanto, à hibridização dos elementos folclóricos sugerida na própria narrativa.

Naturalmente que há, por exemplo, características típicas das histórias em quadrinhos: balões de fala, onomatopeias, vinhetas, um letreiramento expressivo e, claro, a relação de simultaneidade entre imagem e palavra. Mas não são usados somente recursos de

HQs: o design e os layouts das páginas alteram-se constantemente, há o uso de colorização digital, de fotomontagem e, por vezes, a presença da ilustração autônoma, desprovida de conteúdo verbal; a recíproca, aliás, também existe – páginas contendo apenas prosa ou somente versos. As referências estéticas do trabalho do ilustrador Índio San são muitas (até porque, considerando apenas as versões como o próprio Negrinho do Pastoreio já foi representado nas artes plásticas, haveria, por si só, bastante material de base), entretanto, evidencia-se mais claramente a influência confessada do desenhista inglês Dave McKean, especialmente dos trabalhos feitos por ele em parceria com outro gênio dos quadrinhos, o escritor e roteirista Neil Gaiman. Nesse sentido, álbuns como os da série *Sandman* (na qual McKean atuou como capista), *Som & Ruído* e *A Comédia Trágica ou a Tragédia Cômica de Mr. Punch* soam muito familiares ao universo visual explorado por San em *Um Outro Pastoreio*.

Página dupla de
Um Outro Pastoreio,
de Rodrigo DMart e
Índio San



As referências estéticas do trabalho de Índio San são muitas, entretanto, evidencia-se mais claramente a influência confessada de Dave McKean.

Passada uma década do seu lançamento, *Um Outro Pastoreio* ainda é uma obra a ser descoberta por muita gente. Ou, quem sabe, redescoberta. Em 2011, publiquei um artigo sobre ela numa revista acadêmica e digo ainda hoje que é difícil defini-la enquanto objeto artístico – o que é algo maravilhoso! Sem sombra de dúvida, é uma HQ, mas uma HQ que assume uma liberdade de formato tão admirável que, talvez, ela continue soando moderna por muito tempo. E esse talvez seja o seu maior mérito: ser moderna, de vanguarda até, falando de algo tão antigo, tão ancestral, tão enraizado em nossa cultura popular. É possível, afinal, chegar a isso.

Um Outro Pastoreio, de Rodrigo DMart e Indio San, é tradição oral e literatura gauchesca, mas é também uma releitura radical disso; traz a religiosidade afro-brasileira e também é uma narrativa de interesse universal; é graphic novel, fotonovela, livro ilustrado, prosa e poesia. E demonstra que o folclore, afinal, é algo que também se movimenta, que não precisa ser estático, até pelo interesse que, para nossa surpresa, ainda é capaz de despertar. É como diz o próprio narrador Simão: “as histórias se reinventam / por fruto da imaginação / e por legado da existência, / pelo desejo de serem contadas, / para que no futuro sejam outras”.

Em destaque, na página à direita: Simão, o narrador de *Um Outro Pastoreio*, uma clara homenagem a Simões Lopes Neto

